Gabriel Lima

Sunset Face

Inauguração: 5 de Fevereiro de 2022

5 de Fevereiro - 1 de Março de 2022

Sunset Face, a nova exposição de pinturas de Gabriel Lima (São Paulo, 1984), é composta por uma série de variações sobre uma mesma imagem: uma figura de costas, talvez feminina, que contempla uma paisagem abstrata em que se destaca um corpo celeste , esférico e solitário, que poderia ser a lua, um asteróide ou o sol. Ao lado desta figura, na parte inferior, há um rosto em primeiro plano que olha diretamente para o observador e parece emergir de uma superfície fluida, mostrando e ocultando parte de seus traços, como se fossem os restos de um mosaico romano ou um espectro em uma parede. Esse rosto, também de gênero indeterminado, precede, na sequência do processo pictórico, a figura de costas.

Gabriel Lima cita essa referência aos mosaicos, juntamente com a ideia do palimpsesto, como dois elementos que o ajudaram a desenvolver conceitualmente a série, criada em 2021. Segundo o dicionário, um palimpsesto é um "manuscrito antigo que preserva vestígios de uma escrita anterior apagada artificialmente". Neste caso, não se trata de textos desbotados, mas de imagens, como a face frontal. O ponto de partida desta investigação teve lugar na sua exposição Gladly (2018), que decorreu no espaço Uma Certa Falta de Coerência, no Porto. Foi esse espaço - um lugar sem qualquer tipo de conservação, quase ao ar livre, corroído pela humidade e em que a passagem do tempo se manifesta nas suas paredes descascadas através dos vestígios dos seus diferentes habitantes - que inspirou uma primeira pintura em que quase todos os elementos mencionados estavam presentes (exceto o corpo celeste ao fundo), que ele agora desenvolve através de uma série de variações.

As variações são interessantes porque permitiram a Lima não só compreender melhor aquela imagem original e desdobrar seu potencial, mas também dar ao seu projeto pictórico um caráter mais homogêneo. Uma das questões que chama a atenção na série, à qual alude o título da exposição, Sunset Face, é a relação que essas pinturas estabelecem com a representação de luz e sombra - talvez a questão mais essencial na história da pintura, figurativa e abstrata. Se olharmos de perto, veremos que são todas imagens noturnas, apesar de o tratamento ser ambíguo; o suficiente para deixar margem para dúvidas. Por isso, talvez, Lima ressalte que poderiam ser representações de "uma noite clara", como aquelas madrugadas de lua cheia em que o pálido reflexo de sol nos permite distinguir sombras, perfis e silhuetas no escuro. É durante a noite, aliás, que gostamos de olhar para o céu. Não só para contemplar as estrelas ou perceber a vastidão do universo, mas também porque é a única hora em que o resplendor do dia o permite. A noite é também, claro, o território dos sonhos e do onírico.

E o que a figura olhando para o céu contempla insistentemente, como se estivesse hipnotizada? Corpos celestes; asteróides, em particular. Elementos atraídos para a terra pela força da gravidade. Ceres, Pallas e Vesta, que dão títulos a três pinturas, são os nomes - vindos da mitologia greco-romana - dos três objetos celestes mais próximos da Terra. O maior, Ceres, é considerado um planeta anão apenas visível nas noites mais escuras. Considerada a partir desse ponto de vista, a série nos lembra a trama do filme Melancolia (2011), de Lars von Trier, que trata da colisão de

um enorme planeta com a Terra. Uma das protagonistas, Justine, interpretada pela atriz Kirsten Dunst, é uma mulher que sofre de depressão. Paradoxalmente, é ela, entre todas as personagens, quem encara o apocalipse de forma mais serena, como se, na realidade, fosse um espetáculo estético tão belo quanto triste e inevitável.

As pinturas de Gabriel Lima transmitem um sentimento semelhante. Elas têm um caráter romântico e até certo ponto melancólico, que poderíamos vincular à tradição do sublime – a grandeza da beleza extrema (o universo, aqui) que leva o espectador a um êxtase além do racional. A figura voltada para trás e ensimesmada pode ser vista, nesse sentido, como um eco contemporâneo dos personagens solitários das pinturas de C. D. Friedrich, que contemplam paisagens espirituais de tirar o fôlego.

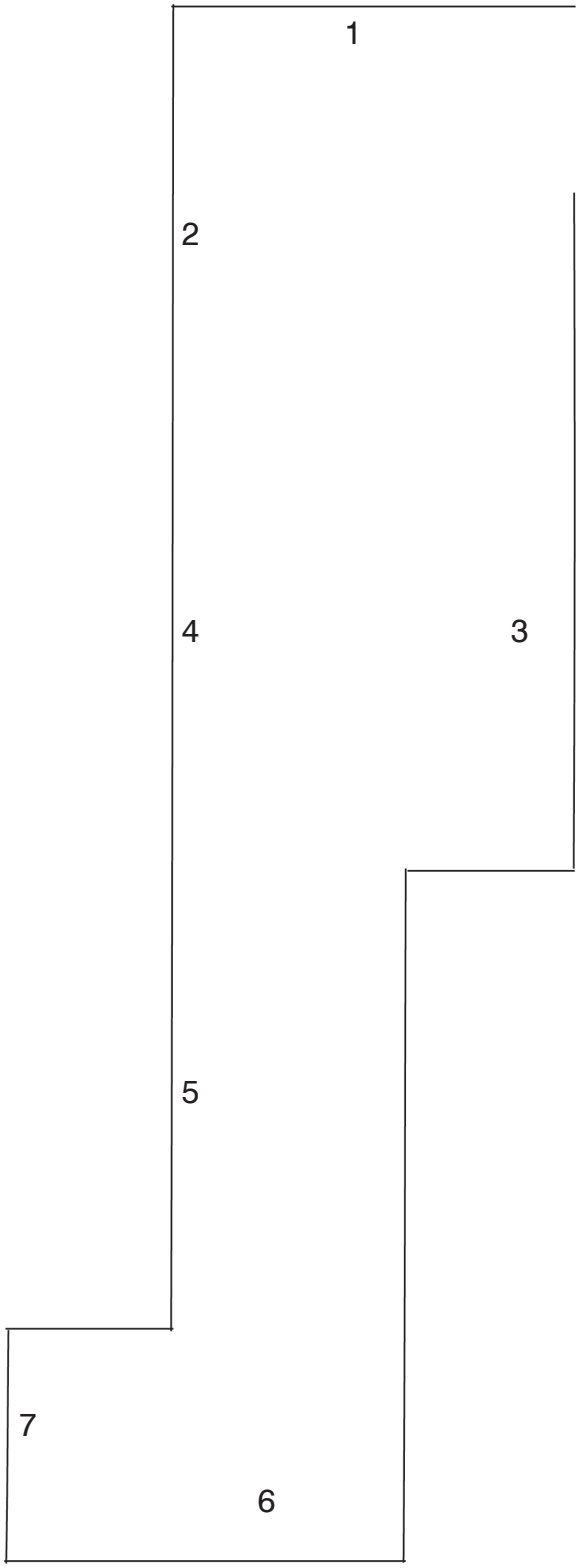
No caso de Lima, o romantismo é uma característica que deriva tanto do título - que, pela referência ao pôr do sol, remete a uma tradição poética crepuscular e escatológica, relacionada ao fim dos tempos - quanto de sua atmosfera noturna e seleção cromática em que o verde esmeralda e o azul ultramarino predominam sobre as camadas anteriores de tons quentes mudos: amarelo, ocre, terra, rosa e cinza. Junto com estas, estão algumas pinturas com cores mais fortes, mais quentes e mais brilhantes - amarelo, terra, laranja. Estes tons criam um contraste com os anteriores - aquáticos, oceânicos - mas não deixam de representar uma cena que poderia prenunciar a destruição do planeta, talvez com um tom mais caótico, fraturado, convulsionado, metamórfico, como o de um terremoto, ou a erupção de um vulcão como o que criou as ruínas arqueológicas de Pompeia.

Essas sensações são acentuadas no espaço que Lima escolheu para apresentar esta série de pinturas em pequeno formato; uma espécie de gruta, escura e construída em pedra, que contrasta com o resto da galeria - um “cubo branco” sem maculas. Neste espaço, que, aliás, assemelha-se ao de Uma Certa Falta de Coerência, o espectador se depara com o jogo de olhares interiores e exteriores que as obras lançam. Não sabemos se o rosto virado para fora é o mesmo da figura de costas - uma espécie de Janus[1] de dupla face, para continuar com as referências mitológicas - uma tatuagem que cobre as costas, um auto-retrato do artista ou talvez uma representação mais abstrata e fugidia que funciona como um espelho.

A pintura é usada nesta série como um meio capaz de levar luz onde esta está ausente, assim como representar uma dupla força gravitacional, literal e metafórica; a dos corpos celestes que se atraem entre si, por um lado, e da tensão gerada entre a percepção do espectador, a representação e o mundo exterior; entre a realidade e a imaginação

Pedro de Llano Neira, 2022.

NUNO CENTENO



1-Gabriel Lima
Vesta Face, 2021
Óleo sobre tela
36 X 32 cm

2-Gabriel Lima
Dusk Face, 2021
Óleo sobre tela
24 X 30 cm

3-Gabriel Lima
Ceres Face, 2021
Óleo sobre tela
24 X 30 cm

4-Gabriel Lima
Pallas Night Face, 2021
Óleo sobre tela
22 X 28 cm

5-Gabriel Lima
Sunrise Face, 2021
Óleo sobre tela
24 X 30 cm

6-Gabriel Lima
Bright Night Face, 2021
Óleo sobre tela
36 X 30 cm

7-Gabriel Lima
Sunset Face, 2021
Óleo sobre tela
22 X 28 cm

Nuno Centeno
info@nunocenteno.com

Rua da Alegria 598
4000-037 Porto Portugal

WWW.NUNOCENTENO.COM

Gabriel Lima

Sunset Face

Opening: Saturday 5th February 2022

Running: 5th February - 01 March 2022

Sunset Face, the new painting exhibition by Gabriel Lima (São Paulo, 1984) comprises a series of variations on the same image: a human figure — perhaps feminine — looking outwards, its back to the viewer, gazing an abstract landscape in which a celestial body stands out, spherical and solitary, it could very well be the moon, an asteroid or the sun. Next to the figure, below, a face on the foreground looks directly at us, emerging from a seemingly fluid surface, showing and hiding part of its features, as if they were the remains of a Roman mosaic or a spectrum in a wall. This face, also of indeterminate gender, precedes, in the sequence of the pictorial process, the figure facing away from us.

Gabriel Lima mentions this reference to mosaics and to the idea of the palimpsest, as two elements that helped him to develop this series' concept in 2021. According to the dictionary, a palimpsest is an "ancient writing material that preserves traces of a previous writing which was artificially erased". In this case, it is not about faded texts, but images like the face looking at us. This investigation started in his show Gladly (2018), in the artist run space A Certain Lack of Coherence, in Porto. A dilapidated space, with no care for conservation — one could say it's almost outdoors — corroded by humidity and bearing the visible marks of the passage of time on its walls, imprinted with the vestiges of its former inhabitants, A Certain Lack… was the inspiration for a first painting where the elements aforementioned were already present (except for the celestial body in the background), and for the subsequent series he has been developing in several variations.

The variations are interesting because they allow Lima not only to better understand that original image and to unfold its potential, but also to give his pictorial project a more homogeneous character. In the series, one of the issues that draws our attention, to which the title of the exhibition, Sunset Face, alludes, is the relationship that these paintings establish with the representation of light and shadow — perhaps the most essential question in the history of painting, both figurative and abstract. If we look closely, we will see that they are all nocturnal images, although the treatment is ambiguous; enough to leave room for doubt. So, perhaps, Lima points out that they could be representations of "a clear night", like those dawns with a full moon in which the pale reflection of the sun allows us to distinguish shadows, profiles and silhouettes in the dark. In fact, it is during the night that we enjoy looking at the sky the most. Not only to contemplate the stars or perceive the vastness of the universe, but also because it is the only time when the brightness of the day allows it. The night is also, of course, the territory of dreams.

And what is the figure looking up at the sky insistently contemplating, as if hypnotized? Celestial bodies; asteroids in particular. Elements attracted to the Earth by the force of gravity. Ceres, Pallas and Vesta, the titles of three paintings, are the names — borrowed from Greco-Roman mythology — of the three largest asteroids. The largest, Ceres, is considered a dwarf planet and is only visible on the darkest nights. From this point of view, the series reminds us of the plot of the film Melancholia (2011), by Lars von Trier, which deals with the collision of a huge planet with

Earth. One of the protagonists, Justine, played by actress Kirsten Dunst, is a woman who suffers from depression. Paradoxically, among all the characters, she is the one who faces the apocalypse more serenely, treating as an aesthetic spectacle: beautiful, sad and inevitable.

Gabriel Lima's paintings convey a similar feeling. They are romantic and melancholic, and follow in the tradition of the sublime — the grandiose feelings awaken by extreme beauty (the universe, here and now), fueling an ecstasy that transcends the rational. Facing away from us, the self-absorbed figure can be seen, in this sense, as a contemporary echo of the solitary characters in C. D. Friedrich's paintings, always in contemplation of breathtaking spiritual landscapes.

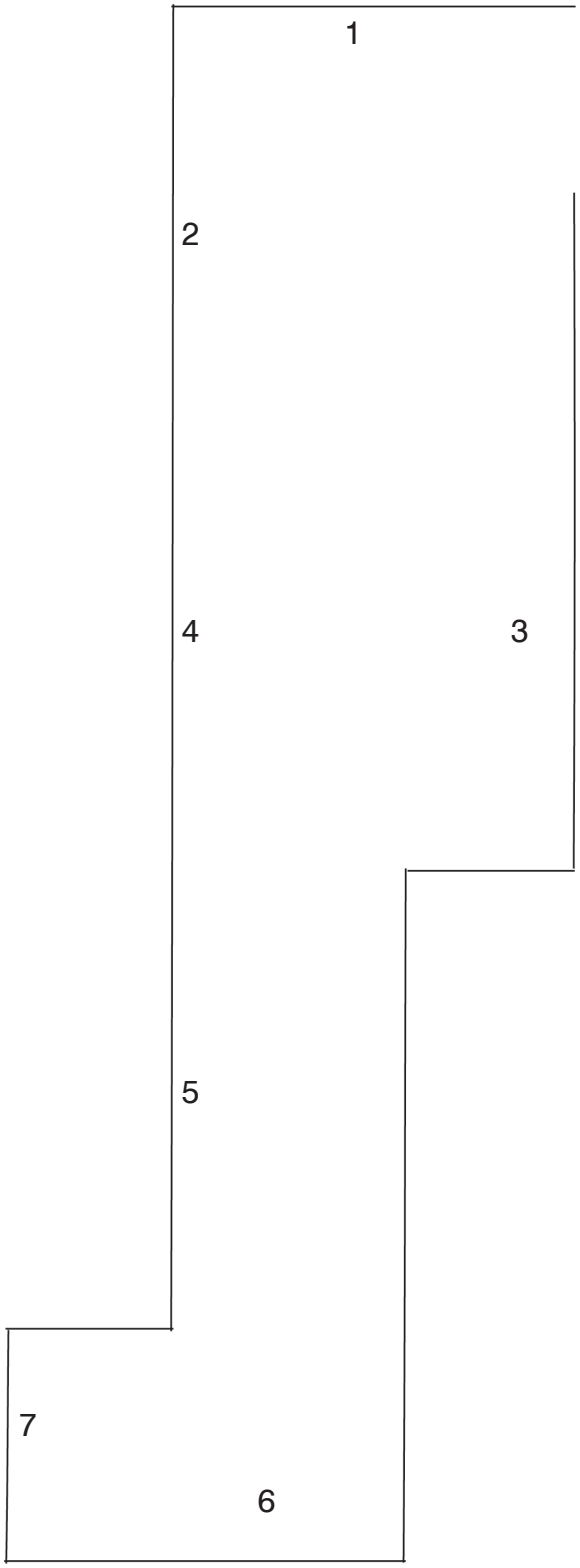
In the case of Lima, romanticism is a characteristic that derives both from the title — where the 'sunset' refers to a gloaming and eschatological poetic tradition, related to the end of time — and from its nocturnal atmosphere and chromatic selection in which emerald green and ultramarine blue predominate over the previous layers of muted warm tones: yellow, ocher, earth, pink and grey. Along with these are some paintings with stronger, warmer and brighter colors — yellow, earth, orange. These tones create a contrast with the previous ones — aquatic, oceanic — but they still represent a scene that could foreshadow the destruction of the planet, perhaps with a more chaotic, fractured, convulsed, metamorphic tone, like that of an earthquake, or the eruption of a volcano like the one that created the archaeological ruins of Pompeii.

These sensations are accentuated in the space that Lima chose to present this series of small-format paintings; a kind of cave, dark and built from stone, which contrasts with the rest of the gallery — an unblemished 'white cube'. In this space, which, by the way, resembles that of A Certain Lack of Coherence, the viewer is faced with a play of gazes — inward and outward — suggested by the works. We do not know if the face looking at us is the same that faces away — if they make up a kind of double-faced Janus — or if it's just tattoo on her back, a self-portrait of the artist or even a more abstract and elusive representation that somehow functions like a mirror.

In this series, painting is used as a medium capable of bringing light to where it's absent, as well as representing a double gravitational force, literal and metaphorical: that of the celestial bodies that attract each other, and the tension generated between the spectator's perception, the representation and the outside world, between reality and imagination.

Pedro De Llano, 2022

NUNO CENTENO



1-Gabriel Lima
Vesta Face, 2021
Oil on canvas
36 X 32 cm

2-Gabriel Lima
Dusk Face, 2021
Oil on canvas
24 X 30 cm

3-Gabriel Lima
Ceres Face, 2021
Oil on canvas
24 X 30 cm

4-Gabriel Lima
Pallas Night Face, 2021
Oil on canvas
22 X 28 cm

5-Gabriel Lima
Sunrise Face, 2021
Oil on canvas
24 X 30 cm

6-Gabriel Lima
Bright Night Face, 2021
Oil on canvas
36 X 30 cm

7-Gabriel Lima
Sunset Face, 2021
Oil on canvas
22 X 28 cm

Nuno Centeno
info@nunocenteno.com

Rua da Alegria 598
4000-037 Porto Portugal

WWW.NUNOCENTENO.COM